

'À Vinhad'alhos'
revela dilemas
periféricos

PÁGINA 3



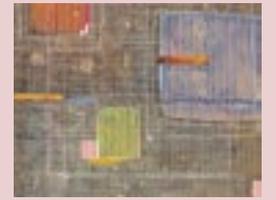
Julein Temple, o
documentarista
do rock and roll

PÁGINA 5



A nova fase
artística de
José Bechara

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação



ECOS de Belchior

Depois da bem sucedida turnê cantando o cancionero do compositor, Ana Cañas lança álbum autoral, seu sétimo, e admite ainda estar sob forte influência do bardo cearense

Por **Thales de Menezes** (Folhapress)

A música que abre o sétimo disco autoral de Ana Cañas dá nome ao álbum, "Vida Real". A melodia com versos curtos e assertivos pode lembrar uma canção de Belchior. A influência é compreensível, uma vez que este é seu primeiro trabalho depois de uma longa imersão na obra do cantor cearense.

Ana Cañas começou na pandemia seu projeto de cantar Belchior. Foram mais de 180 shows levados a cerca de 100 cidades. Seria impossível que os 14 meses que dedicou à gravação do novo álbum não fossem impregnados por um dos cancioneros mais fortes da MPB. "Eu considero essa comparação um elogio. Porque eu não cantei Belchior, eu vivi Belchior." **Continua na página seguinte**

'Vida Real' é o primeiro trabalho autoral de Ana Cañas desde a turnê e disco dedicados a Belchior



“ Considero essa comparação um elogio porque eu não cantei Belchior, eu vivi Belchior”

Ana Cañas

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Eduardo Familião, criador da roda Balaio Bom

Balaio Bom cria instituto após 10 anos de roda na Tiradentes

Depois de uma década ocupando a Praça Tiradentes, a roda de samba Balaio Bom prepara uma nova etapa em sua trajetória. O grupo está finalizando um novo espetáculo e pretende lançar este ano o Instituto Balaio Bom, iniciativa voltada para o fortalecimento do samba como instrumento de integração social, econômica e

cultural.

Idealizado e liderado por Eduardo Familião, o movimento reúne sambistas e artistas da nova geração. “Queremos fortalecer o samba como instrumento de cidadania, ajudando a construir uma sociedade que utilize sua cultura como ferramenta de inclusão e desenvolvimento”, diz Familião.

Ele merece

O astro Robert De Niro receberá a Palma de Ouro honorária do Festival de Cannes. A homenagem ocorre durante a cerimônia de abertura da 78ª edição do evento, no dia 13 de maio. No dia 14, De Niro realizará uma masterclass no Teatro Debussy.

Ele merece II

“Há rostos que encarnam a sétima arte e diálogos que marcam para sempre. Com sua interpretação interiorizada, que aflora na suavidade de um sorriso ou na dureza de um olhar, Robert De Niro se tornou um mito do cinema”, diz o comunicado.

Supernatural

A série “Supernatural”, exibida pela plataforma Max, está completando 20 anos e a CCXP25, maior festival de cultura pop do mundo, será palco de uma celebração à altura de um dos maiores fenômenos do gênero nas últimas décadas.

Supernatural II

Batizada de “Road to Hell”, a experiência temática vai reunir na CCXP25 os atores Misha Collins, Kathryn Newton, Jim Beaver, Rob Benedict e Richard Speight Jr. O evento se realiza entre os dias 4 e 7 de dezembro, no São Paulo Expo.



Divulgação

Ana Cañas num dos shows da turnê dedicada a Belchior, que impactou sua carreira desde a live que fez sucesso na pandemia

Uma live que mobilizou meio milhão de pessoas

Ana Cañas recorda que tudo começou de forma despretenhiosa. Para uma live durante a pandemia, ficou na dúvida entre os repertórios de Belchior, Cazusa e Rita Lee. A grande surpresa veio já no dia transmissão pela internet. No final da live, meio milhão de pessoas estavam assistindo.

“Meu celular tinha muitas mensagens. A primeira delas era do Ney Matogrosso. Ele escreveu, ‘Que coisa magnífica você está fazendo hoje. Siga cantando Belchior’. Depois que eu li aquilo, não teve volta!” A turnê cresceu sem parar. “Muitos desses shows a gente construiu, a gente cavou. Eu aluguei teatro, comprei passagens da banda e rezei para vender ingresso. Foi na raça, sem patrocínio, tenho muito orgulho disso.”

No novo álbum, o espectro de Belchior se revela de forma ampla nas letras. Desde sempre compo-

tora de versos muito pessoais, desta vez é possível ouvir uma Ana Cañas mais cronista, observadora. Personagens passeiam pelas letras, muitas autobiográficas, em registros que abraçam várias fases de sua vida.

No primeiro show da turnê, ela abriu um espaço antes de “Fotografia 3x4”, a canção de Belchior que mais a emociona, e falou de sua relação com a mãe, que estava na plateia. “Briguei com a minha mãe, saí de casa, fui morar num pensionato com várias profissionais do sexo. Elas dividiam prato de comida comigo, isso acontece quando eu tinha 18, 19 anos. E para sobreviver eu distribuía panfleto no semáforo.”

Verbalizando isso pela primeira vez, ela viu a plateia explodir, “gente chorando e tudo”. A iluminadora do show, Carolina Autran, disse então a Ana que nunca deixasse de contar essa história nos shows. “E assim foi por mais de 180 vezes. A

dor nos une. E pensei, se vou fazer um disco chamado ‘Vida Real’, eu tenho que fazer a minha ‘Fotografia 3x4’”. E nasceu a canção que abre o disco, que remete a essa passagem no final da adolescência.

“Do Lado de Lá”, que fecha o álbum, é uma canção emocionante escrita para o irmão, morto em 2013. Entre essas faixas de grande carga pessoal, ela mostra um repertório que fala muito de amor, paixão e tesão. São bons exemplos as faixas em que convida amigos para cantar.

“Derreti” é uma canção safada, insinuante, ao lado de seu assumido mentor, Ney Matogrosso. O dueto é o grande momento vocal do disco, e nunca é fácil encontrar quem se aventure a cantar com Ney e não fique intimidado por seu vozeirão.

As outras duas colaborações trazem cantoras famosas de estilos diferentes. Em “Amiga, Se Liga”, com Roberta Miranda, o resultado é uma gravação muito simpática. Ana Cañas visita o forró sertanejo numa letra na qual as amigas exercem uma solidariedade feminina, o que é relevante num gênero no qual convivem letras machistas e canções de empoderamento feminino.

Mas o grande potencial para um hit está em “Brigadeiro e Café”, não apenas por ser um dueto vigoroso com Ivete Sangalo. É uma canção que lista de modo divertido coisas cotidianas que compõem uma relação, como comer um “dogão” à luz de vela, ir ao futebol ou até o ato de receber, ou fazer, uma massagem no pé.

Falar de amor é a base do disco. Desde uma canção forte, direta e derramada como “Quero um Love” ou a confessional “Toda Mulher É Além”, até uma de forma lírica mais rebuscada, que é “O Que Eu Só Vejo em Você”, de Nando Reis, única das 11 faixas que não foi escrita pela cantora.

Ana Cañas já prepara o show do álbum, com sua banda. Sim, algumas canções de Belchior serão contempladas. E já tem planos de, a seguir, fazer um show intimista, sozinha no palco, contando histórias. Certamente tem grande quantidade delas depois da longa excursão pelo Brasil.



Três irmãos com ideias diferentes precisam decidir o que vão fazer com a herança deixada pela matriarca: uma casa sem registro

Retratos da vida suburbana

Encenado pelo Coletivo Sem Órgãos, o espetáculo 'À Vinhad'alhos' é fruto de investigação, pesquisa e conversas com famílias negras periféricas

Por Affonso Nunes

As contradições das relações familiares negras em contextos periféricos, marcadas pela ausência do Estado e pela força das memórias afetivas, estão no centro do espetá-

culo "À vinhad'alhos", em cartaz no Teatro Correios Léa Garcia. A montagem, que já passou por arenas culturais do subúrbio carioca, acompanha três irmãos que enfrentam a morte da mãe durante a pandemia e descobrem como herança uma casa sem escritura ou inventário — construída aos

poucos, como tantas moradias periféricas.

Escrito e dirigido por Rodrigo de Todos os Santos, o texto parte de experiências reais dos integrantes do Coletivo Sem Órgãos, todos moradores de regiões suburbanas. O luto da família, privado de rituais formais, é atravessado por disputas antigas, desacordos sobre o futuro do imóvel e recordações que resistem à dureza da vida cotidiana. Nesse jogo entre memória e conflito, a peça revela como a afetividade pode romper com violências naturalizadas nas relações familiares.

A montagem também propõe uma reflexão sobre a forma como

as estruturas de poder afetam a memória coletiva de quem vive à margem do centro — sobretudo a população negra, frequentemente desassistida e silenciada. "Depois de três meses de investigação, entrevistas e bate-papos, estamos dando vida a esse espetáculo mantendo viva as discussões sobre o território suburbano", afirma o diretor.

Além da temporada no teatro, o projeto promoveu duas oficinas gratuitas nas semanas que antecederam a estreia: uma voltada à acessibilidade cultural, ministrada por Criz Muñoz, e outra para atores, conduzida por Rodrigo de Todos os Santos e Tatiane Santo-

ro. Ambas têm foco na formação de plateia e na qualificação de estudantes e grupos de teatro.

As apresentações contam com intérpretes de Libras e, em quatro sessões, há também audiodescrição. O espetáculo foi contemplado no edital Pró-Carioca, programa de fomento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. "Pretendemos, através das apresentações e da oficina prática, dar continuidade à pesquisa do grupo e investigar afetivamente a cultura nascida no subúrbio carioca, aquela que traz consigo suas questões do cotidiano, onde o público pode refletir e dividir situações semelhantes", conclui Rodrigo.

SERVIÇO

À VINHAD'ALHOS

Teatro Correios Léa Garcia
(Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)
Até 26/4, de quinta a sábado (19h)
Entrada franca



Sandrine Kiberlain (à esquerda) no set de 'Les Barbares', de Julie Delpy



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Laureada duas vezes com o troféu César, por “Ter ou Não Ter” (1996) e “Uma Juíza Sem Juízo” (2014), Sandrine Kiberlain fez (e faz) fama como um dos rostos símbolos da comédia francesa contemporânea, seja dramática ou romântica ou seja ainda uma crônica de costumes das mais ácidas, como “Les Barbares”, um dos destaques da 26ª edição do Bafici.

Risadas tomaram conta do Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, em solo argentino, a cada sessão do longa-metragem dirigido pela atriz Julie Delpy (de “A Igualdade É Branca”). Sandrine é um dos destaques de um elenco pluralíssimo. A trama ironiza o bom-mocismo da política assistencial da França. No enredo, os cidadãos da Bretanha decidiram por unanimidade aceitar refugiados ucranianos em troca de

O método Sandrine Kiberlain

Rosto símbolo da comédia no cinema francês, a atriz se destaca em solo portenho com ‘Les Barbares’, uma aula de ironia contra a xenofobia europeia

subsídios do governo. No entanto, em vez de ver receber uma leva de imigrantes da Ucrânia, a prefeitura local acolhe (por engano) imigrantes sírios, o que causa uma série de conflitos ligados a práticas de xenofobia.

“Situações de guerra sempre geram histórias atroz, mas também abrem brecha para casos de coragem”, disse Sandrine ao Correio da Manhã, nas filmagens de “Les Barbares”, em meio ao lançamento de “A Garota Radiante”, seu primeiro longa como cineasta.

Aos 57 anos, Sandrine é uma

das estrelas mais prolíficas de sua pátria na atualidade, sempre atenta a temas polêmicos da contemporaneidade, como os ranços xenófobos da Europa. Tem três filmes no forno neste momento, para chegarem às telas até dezembro: “Banquise”, de Emmanuel Courcol; “L’Accident de Piano”, de Quentin Dupieux; e “Personne d’Autre”, de Jean-Baptiste Léonetti. “Eu busco expressar vivências, sem jamais incorrer em caricaturas”, disse a atriz ao Correio. “Na História do cinema francês, nós aprendemos com François Truffaut que a doçura é

uma forma de falar de inquietações do nosso tempo. Busco filmes que encontrem uma forma doce de expor crises angústias”.

Popularizada entre os cinéfilos brasileiros por “Betty Fisher e Outras Histórias” (2001) e “O Pequeno Nicolau” (2009), a atriz participou de fenômenos recentes da venda de ingresso como “Novembro – Paris Atacada”, de Cédric Jimenez, visto em seu país por cerca de 2,3 milhões de pagantes, em 2022. Brillhou ainda no recém-lançado “Crônica de uma Relação Passageira”, que saiu de Cannes

com o status de cult. “Les Barbares” encontra o mesmo destino no Bafici, onde se firma como um ímã das plateias portenhas.

“Tenho me empenhado em histórias que tragam uma afirmação da vida nesta era de medo”, disse Sandrine via Zoom.

Com estreias a caminho até domingo, quando encerra sua programação, o Bafici emplacou mais um queridinho no coração dos argentinos: a produção paraguaia “Bajo Las Banderas, El Sol”, de Juanjo Pereira. Sete anos depois da consagração de “As Herdeiras”, nuestros hermanos paraguayos voltam a se destacar no coração dos grandes festivais do mundo. Em competição no É Tudo Verdade, no RJ e em SP, o documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estrutura formal é uma reação à recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo cuidou para evitar esse destino.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No Brasil, o cineasta britânico Julien Andrew Temple já é de casa. Filmou “Rio 50 Degrees”, em meio à preparação para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 em dias de pura efervescência na cidade. Até o Rock in Rio passou por suas lentes. Antes disso, em plena década de 1980, ele juntou Mick Jagger e Paulo César Peréio (1940-2024) nos sets de “Running Out Of Luck”, nas orlas nacionais. Quem foi capaz de dirigir duas forças tão indomáveis merece todo (e qualquer) respeito, não só o brasileiro, mas o argentino também, impulsionando em especial pelo histórico invejável de filmes sobre lendas da música que esse documentarista de 71 anos tem.

Envolvido uma vez mais com Jagger, na finalização do longa-metragem “I Am Curious Johnny”, Temple tem dois de seus maiores sucessos na programação do 26º Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, o Bafici. Faz parte da mostra Britannia Lado B: We Will Rock You com “Oil City Confidential” (2009) e com “Glastonbury” (2006).

“Neste momento em que o Reino Unido encara a ressaca do Brexit, é fundamental que a juventude possa conhecer os feitos dos outsiders da canção”, disse Temple ao Correio da Manhã, em recente entrevista no Festival de San Sebastián. “Tenho uma estrada longa no rock, com artistas que exigiam de mim o que poderia haver de mais transgressor”.

Consagrado também na ficção com filmes como “The Eternity Man” (2008) e “Absolute Begin-



A banda *Dr. Feelgood* é tema do .doc ‘*Oil City Confidential*’, em cartaz na edição 2025 do Bafici

Jorge Fuenbuena/SSIFF

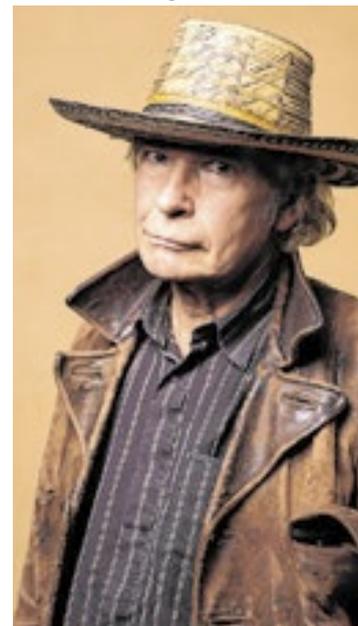
A fera do rock

Festival de Buenos Aires revisita a obra de Julien Temple, o papa do documentário musical

ners” (1986), Temple já dirigiu vídeos para David Bowie, Neil Young, Billy Idol, Depeche Mode e Sade. Em “Glastonbury”, figuras como Morrissey, Joe Strummer, Björk e David Bowie se posicionam diante das câmeras do cineasta para um registro de um dos festivais de maior relevo da indústria fonográfica de língua inglesa, realizado há 54 anos em Pilton, Somerset, na Inglaterra. Já “Oil City Confidential” resgata os feitos do conjunto Dr. Feelgood, banda britânica do início dos anos 1970 cuja agressividade foi essen-

cial para a gênese do movimento punk. Seus artistas (Kevin Morris, P H Mitchell, Steve Walwyn e Robert Kane) surpreenderam a cena musical do Reino Unido com sua postura feroz e seus solos de guitarra ousados.

“Tenho uma estrada longa no rock, com artistas que exigiam de mim o que poderia haver de mais transgressor. Trabalhei com o Sex Pistols, em ‘God Save The Queen’, no fim dos anos 1970, e lembro de ter sugerido a eles que usassem trechos de animação em um vídeo, para dar conta do que



O documentarista **Julien Temple**

a gente precisava expressar. Era uma forma de inovar a narrativa dos clipes. Lembro de ouvir uma reclamação de Sid Vicious: ‘Eu não quero virar um bicho animado’. Mas quando o povo da banda viu do que o cinema animado é capaz, eles perceberam o quanto essa linguagem pode trazer para a arte”, disse Temple ao Correio da Manhã, em 2020, na Espanha, quando foi laureado com o Prêmio Especial do Júri no Festival

de San Sebastián por “Crock of Gold: A Few Rounds with Shane MacGowan”.

Inédita no Brasil, essa produção é uma carta de amor documental à rebeldia do rock’n’roll e aos poderes analgésicos (ainda que autodestrutivos) do álcool, produzida pelo ator americano Johnny Depp. Seu protagonista, Shane Patrick Lysaght MacGowan (1957-2023) é um deus para o eterno Jack Sparrow e é adorado como divindade pelos fiéis ao credo do punk rock. Orgulhoso de suas raízes irlandês, o músico escreveu e cantou algumas das letras mais selvagens da língua inglesa das últimas quatro décadas.

“Compartilhei a era punk com Shane e fiz uma primeira entrevista com ele ainda em P&B. Ao rodar ‘Crock of Gold’, percebi que o velho punk ainda estava lá com ele. Shane passou dos limites numerosas vezes, mas sempre voltou, firme, com a mesma indignação de antes”, disse Temple, que já teve seus longos projetados pelo Bafici no passado. “Cultivo um cinema demiúrgico”.

O Bafici chega ao fim neste domingo. Sua premiação será conhecida no sábado.

Por Pedro Sobreiro

Chega aos cinemas nesta quinta-feira (10) o filme “Operação Vingança”. Protagonizado por Rami Malek (“Bohemian Rhapsody”), o longa conta a história de Charles Heller, um programador da CIA cuja esposa é assassinada. Porém, a agência faz ‘corpo mole’ para investigar o caso. Assombrado pelo luto, ele aciona seus contatos e usa sua inteligência para ir atrás dos assassinos e acabar com eles.

O elenco conta ainda com Lawrence Fishburn (Matrix), Rachel Brosnahan (Superman) e Caitríona Balfé (Ford vs Ferrari). A convite da Disney, o Correio da Manhã participou da coletiva de imprensa internacional do filme.

“Operação Vingança” é mais do que especial para Rami Malek, que estreia como produtor, além de interpretar o protagonista. Para ele, essa nova função foi como se encontrar na profissão.

“Eu amei poder acompanhar as coisas do começo até o final, vendo todos os detalhes. Acho que me encontrei nessa função, porque me lembro até hoje de estarmos discutindo o uso das lentes, quais ângulos eram mais adequados. Até mesmo conversando com os atores para garantirmos sempre o melhor do melhor. E eu ficava pensando: ‘como vou entrar numa sala de edição, sendo um ator, sem parecer um intruso?’. E o jeito que encontrei foi entrando para a produção. Foi incrível sentar com o time de roteiro, direção e edição de som para entender como se faz um filme do melhor jeito possível. Reunir alguns dos meus atores favoritos nesse projeto foi incrível. Me considero sortudo e orgulhoso do time que reunimos”, explicou.

Rachel Brosnahan, que interpreta Sarah, esposa de Heller, afirmou que o que a atraiu para o filme foi a chance de trabalhar com Rami Malek como produtor. “O Rami está se subestimando como produtor, porque o que mais me atraiu no projeto foi poder trabalhar com ele. Ele trabalhou em



Rami Malek interpreta Charles Heller, um programador da CIA que quer vingar a morte da esposa em ‘Operação Vingança’, filme que marca a estreia de Malek na produção

Gênio vingativo

Elenco de ‘Operação Vingança’ fala sobre novo thriller, protagonizado e produzido por Rami Malek

praticamente todos os setores do projeto, e essa dedicação foi muito inspiradora. Sua paixão por esse universo, pelo personagem, por essa forma de contar histórias é contagiante. Ele trouxe uma abordagem cheia de humanidade, mais pé no chão, para um thriller de espionagem. Você se importa com aqueles personagens”, disse.

Fator atração

Para Lawrence Fishburn, além de trabalhar com Malek, o fator de atração foi o roteiro. “Superar

limites é algo que todos os atores querem. Contar histórias de gente comum que realiza feitos incríveis em situações extraordinárias é o que nos motiva a seguir na profissão. Cada personagem tem um arco próprio para mudar e crescer. Quando ‘Operação Vingança’ surgiu, li o roteiro e fiquei animado com essa chance dada pelo Rami. Eu precisava fazer parte disso”, comentou Fishburn.

O grande centro da trama é o luto. A forma como a perda de alguém amado pode afetar as pessoas de diferentes maneiras é o que move dois personagens fundamentais no filme. Para Caitríona Balfé, que dá vida a uma personagem misteriosa, é esse embate entre justiça e vingança que deve fascinar o público.

“Acho que o cerne do filme é a disputa entre vingança e justiça. A vingança é aquilo que te trará paz? Quando você está sofrendo e quer que os responsáveis sejam punidos pela atrocidade que fizeram, corre o risco de ficar cego. Mas será que é isso que vai te confortar? Existe

um caminho correto para conseguir esse conforto? A jornada do Heller para descobrir isso é muito emocionante”, afirmou.

Cruzar linhas

Rami Malek também abordou o tema, diferenciando Heller de outro papel que o consagrou na TV: Elliot, de ‘Mr. Robot’. Apesar de ambos serem hackers, Malek acredita que Charles Heller é capaz de cruzar linhas que o Elliot jamais cruzaria. “Eu tive um momento para me despedir do Elliot. Nesse projeto, não tentei revisitar-lo, mas há algumas semelhanças. Ambos são gênios, mas estão quebrados em diferentes aspectos da vida. Houve muitos sentimentos próximos do Elliot que o Heller experimentou, mas de forma diferente. Ele é movido pelo amor magnético à esposa, um papel muito difícil que a Rachel faz com facilidade. Apenas com sua presença, ela o motiva a fazer coisas que o Elliot jamais faria. Ela vê algo nele que é magnético, mas real também. E permitir essa

combinação em um personagem no meio de um suspense transcende a ação, porque essa paixão permite a identificação com o Heller. Eu tentei concentrar minha atuação no luto. Conversei com o diretor e decidimos abordar os estágios do luto conforme o filme se desenvolvia. Definimos pontos-chave para fazer o público pensar ‘eu acho que também reagiria assim’”, comentou.

Ele completou dizendo que, mesmo fazendo tantos papéis de hacker, nunca aprendeu de fato a hackear. “Nunca vou saber mexer com códigos ou hackear coisas, como em Mr. Robot, mas aprendi o bastante para ficar paranoico sobre o que o governo pode acessar sobre nós. Ver documentários sobre tecnologia invadindo a privacidade foi assustador. O que Charlie Heller é capaz de fazer e sua capacidade de armazenar memórias são um superpoder. Ele sabe muito sobre tudo o que está acontecendo no mundo e como acessar essas informações, mas está movido por uma quantidade absurda de luto. Isso foi o bastante para construir esse personagem. Eu tentei deixar a tecnologia de lado, apenas como uma ferramenta”, conclui Rami Malek.

Desmistificando o fomento cultural

ORGANIZAÇÕES QUE MAIS CAPTARAM RECURSOS EM 2024

Masp – R\$ 46,7 milhões

Osesp – R\$ 40,9 milhões

Instituto de Desenvolvimento e Gestão – R\$ 36,9 milhões

Orquestra Sinfônica Brasileira – R\$ 35,2 milhões

Instituto Inhotim – R\$ 31,4 milhões

Instituto Vale – R\$ 31,3 milhões

Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) – R\$ 24,7 milhões

Casa Fiat de Cultura – R\$ 22,8 milhões

Fundação Bienal de São Paulo – R\$ 21,9 milhões

Instituto Cultural Amazônia do Amanhã – R\$ 21,3 milhões

Plataforma mostra origem e destino de recursos da Lei Rouanet



EMPRESAS QUE MAIS INVESTIRAM EM PROJETOS CULTURAIS EM 2024

Vale – R\$ 189,7 milhões

Petrobras – R\$ 170,4 milhões

Grupo Itaú – R\$ 122,8 milhões

Nubank – R\$ 112 milhões

Shell – R\$ 84,5 milhões

Banco do Brasil – R\$ 69,2 milhões

Grupo Bradesco – R\$ 54,2 milhões

BNDES – R\$ 50,4 milhões

Santander – R\$ 47,4 milhões

Grupo Stellantis – R\$ 32,2 milhões

Desde que foi criada, a Lei de Incentivo à Cultura — conhecida popularmente como Lei Rouanet — tem sido alvo de críticas e mal-entendidos, muitas vezes alimentados pela falta de informações acessíveis e sistematizadas sobre seu funcionamento. Instituída em 1991, durante o governo Collor, a lei tem como objetivo estimular o financiamento da cultura por meio de renúncia fiscal: empresas e pessoas físicas podem destinar parte do imposto de renda devido ao apoio de projetos culturais previamente aprovados pelo Ministério da Cultura.

Na prática, o proponente submete seu projeto ao governo, e, uma vez autorizado, busca patrocínio junto à iniciativa privada. O valor investido pelo patrocinador pode ser deduzido, total ou parcialmente, do imposto que seria pago à União. Ao longo dos anos, o modelo permitiu a realização de milhares de iniciativas culturais em todo o país, mas também gerou controvérsias quanto à distribuição dos recursos, à concentração regional dos patrocínios e à transparência dos dados.

Com o objetivo de tornar esse cenário mais claro, entrou no ar nesta semana o Painel de Dados da

Lei da Rouanet, ferramenta interativa e gratuita desenvolvida pela plataforma Prosas. A iniciativa reúne informações públicas do Satic — sistema de apoio à lei mantido pelo Ministério da Cultura — e apresenta dados organizados de forma didática sobre quem investe, quem recebe e como os recursos são distribuídos.

O painel permite uma leitura mais ampla do comportamento dos grandes grupos econômicos, ao reunir dados consolidados por conglomerado em vez de apresentar CNPJs isolados. Também é possível acompanhar os fluxos regionais de financiamento, visualizando

com mais nitidez os desequilíbrios territoriais da política cultural.

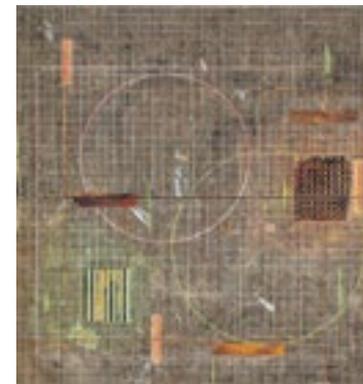
Os números de 2024 indicam um crescimento significativo em relação aos anos anteriores. Foram captados quase R\$ 3 bilhões, frente aos R\$ 2,1 bilhões de 2021 e 2022 e aos R\$ 2,3 bilhões registrados em 2023. O levantamento aponta ainda aumento no número de projetos aprovados, proponentes ativos, patrocinadores e doadores pessoa física.

Apesar da predominância do Sudeste e do Sul na origem e destino dos investimentos, o novo levantamento revela uma tendência tímida de descentralização. O Su-

deste, que em 2021 concentrava 78% dos recursos, respondeu por 71,9% em 2024. A região Norte, por sua vez, continua a receber pouco: empresas locais destinam apenas 13,2% dos recursos a projetos da própria região, priorizando o envio de patrocínios para o Sudeste e o Sul.

Entre as organizações que mais captaram recursos em 2024 estão o Masp, a Osesp e o Instituto de Desenvolvimento e Gestão. Do lado dos patrocinadores, Vale, Petrobras e Grupo Itaú lideram a lista. O painel conta com patrocínio do Instituto Equatorial e apoio institucional do Gife e da Comunitas.

Divulgação



Artista apresenta nova fase de sua obra na exposição 'Atlas Memória'

José Bechara em novas dimensões

Por Affonso Nunes

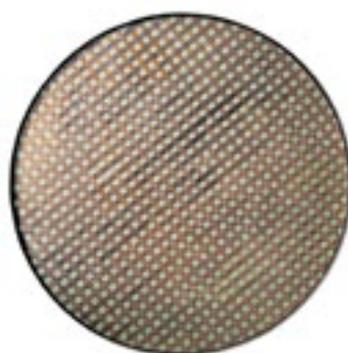
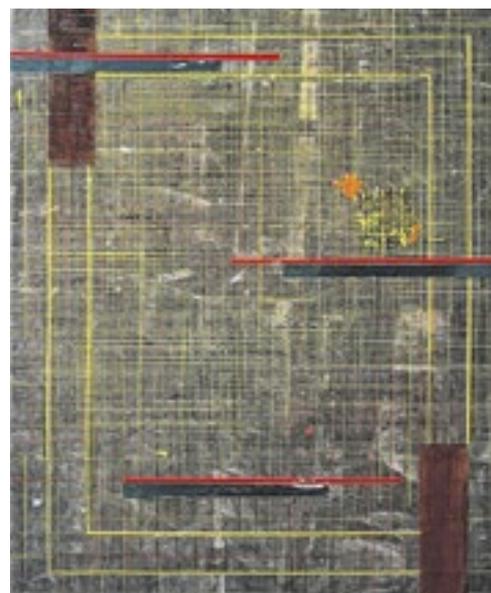
A galeria Maneco Müller : Multiplo inaugura a representação de José Bechara com a exposição "Atlas Memória", que marca nova etapa na trajetória do artista. Conhecido por suas pinturas sobre lonas de caminhão tratadas com emulsões de ferro e cobre, Bechara exhibe agora obras inéditas que incorporam cores mais intensas e formatos reduzidos.

O título da mostra vem de uma das telas em exibição, que, segundo o artista, sintetiza elementos de diferentes períodos de sua produção iniciada no final dos anos 1980. Ao todo, são dez pinturas com medidas que vão de 0,60 x 0,50 metro a 2,20 x 2,20 metros. As obras mantêm características marcantes do trabalho de Bechara, como a escolha da lona como suporte, com suas marcas de uso e remendos, e o contraste entre a geometria formal e os efeitos imprevisíveis provocados pela oxidação dos metais.

Com texto crítico assinado por

Bianca Dias, a exposição propõe uma leitura sensível do novo momento do artista. "Ao expor seu atlas o artista se expõe, se coloca em crise, acolhe o desvio, o acidente, danifica a ordem, criando uma geometria hesitante onde as linhas surgem, desaparecem e ressurgem condenando certezas", escreve a crítica.

Acostumado a espaços amplos e obras de grande escala — como



as já exibidas no MAM Rio, no Ludwig Museum, na Alemanha, ou na Fundação Gulbenkian, em Lisboa — Bechara se lança ao desafio de trabalhar em dimensões mais contidas, em diálogo com o espaço intimista da galeria. "Essa exposição é muito importante para mim porque inaugura uma nova fase de uma relação com dois galeristas pelos quais eu tenho

Acostumado a grandes escalas, conhecido por suas esculturas e instalações monumentais, Bechara traz obras de pequenos e médios formatos, em diálogo com o espaço da galeria e lançando-se em novos desafios

muita admiração", afirma.

Stella Ramos e Maneco Müller acompanham a carreira de Bechara desde o início. "Vimos de perto a incorporação das lonas e depois das emulsões de ferro e cobre em seu trabalho. Bechara é um artista devotado à experimentação, que encontra resultados extraordinários a partir de uma atividade obstinada em seu ateliê, de segunda a segunda", diz Stella. "Vivemos num mundo em que a velocidade nos empurra para a superfície das coisas, para o olhar apressado, para o consumo ligeiro. Bechara, ao contrário, nos convida a um tempo de arte; que é o tempo da imersão e da transformação", completa Maneco.

SERVIÇO

ATLAS MEMÓRIA

Galeria Maneco Müller : Multiplo (Rua Bulhões de Carvalho, 297, Copacabana)
Abertura: 10/4, das 18h às 21h
Visitação: de 11/4 a 6/6, de segunda a sexta (11h às 19h)
Entrada gratuita